

A LÍNGUA COMO SISTEMA DE SIGNOS: SAUSSURE E SEU TRABALHO COM A PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Mônica NÓBREGA¹

RESUMO

Não é difícil encontrar autores que dizem que Saussure, através de seus estudos, faz a escolha do signo contra o sentido. É o caso, por exemplo, de François Dosse (1993), no livro “História do estruturalismo”. Entretanto, desde a publicação dos primeiros manuscritos, por Godel, em 1957, estudiosos debruçam-se sob manuscritos do mestre da lingüística e de anotações de aulas de alguns de seus alunos, rediscutindo questões primordiais para a lingüística, entre elas a perspectiva de um trabalho com o sentido em Saussure e a necessidade do estudo do sistema lingüístico enquanto ponto nuclear para onde convergem todas as outras noções saussurianas, inclusive a de signo lingüístico e suas características. É, portanto, baseado nesses estudos e no Curso de Lingüística Geral, que nosso artigo discutirá dois pontos teóricos que constituem a base para a compreensão da escolha do mestre genebrino pelo sentido, a saber: a escolha do sistema enquanto ponto de partida (contra a idéia da escolha pelo signo) e o funcionamento deste sistema através da noção de valor, enquanto sistema que produz sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Sistema. Sentidos. Ferdinand de Saussure.

INTRODUÇÃO

A idéia de sistema sempre esteve presente para Saussure, em seus estudos (seja na preparação para os cursos de lingüística geral, nos estudos dos anagramas ou nas lendas germânicas). Mas, ao mesmo tempo, e de forma insistente, Saussure está relacionado a uma abordagem do signo como elemento isolado (significante/significado, arbitrariedade/linearidade).

Vejam a idéia de sistema presente, por exemplo, nas notas destinadas ao livro que projetava sobre lingüística geral e que datam de 1894. Em uma delas, vemos Saussure dizer que (apud FEHR, 2002, p. 68, nota 3): “A língua representa um sistema interiormente ordenado em todas as suas partes”.

Nos estudos sobre os anagramas, Saussure mostra que é também de sistema que se trata. Segundo ele:

Em um sistema onde nenhuma palavra poderia ser mudada sem dificultar, a maior parte do tempo, muitas combinações no que se refere ao anagrama, em um tal sistema não se pode falar dos anagramas como de um jogo acessório da versificação, eles se tornam a base, quer o versificador queira ou não (apud STAROBINSK, 1974, p.23).

Para a linguagem, por exemplo, eis a “lei final”, conforme Saussure:

A lei final da linguagem é <se ousamos dizer> que não há nada, jamais, que possa residir em um termo (...). É a evidência absoluta, mesmo *a priori*, que não houve jamais um só fragmento de língua que pudesse estar fundado em outra coisa, como princípio último, senão em sua não-

¹ Professora da Universidade Federal da Paraíba.

coincidência, ou no grau de sua não-coincidência com o resto (apud FEHR, *idem*, p. 139).

A organização dada pelos editores ao CLG, ou talvez a falta mesmo de uma leitura mais apurada², rigorosa, como pede uma obra tão importante para a lingüística, impediu que se visse o fundamental, a idéia nuclear, a de sistema. Se passarmos uma vista de olhos por trechos do CLG veremos Saussure insistir na tese de que o signo sozinho não existe, ele só existe dentro do sistema, quando em relação com os outros signos. Vejamos algumas citações retiradas do CLG:

Os valores, por exemplo, são definidos como puramente diferenciais, “definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são” (SAUSSURE, *idem*, p. 136).

Já quanto à palavra, Saussure diz que “o que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam à significação” (SAUSSURE, *idem*, p. 137). Portanto, para ele está claro que, quer se trate de conceito ou do aspecto material da língua, “jamais um fragmento de língua poderá basear-se, em última análise, noutra coisa que não seja sua não-coincidência com o resto” (Saussure, *idem*, *ibidem*).

Claudine Normand (2000) assegura-nos de que a teoria lingüística saussuriana é uma tentativa de pensar a significação fora do quadro das semânticas clássicas, a partir da especificidade (identidade) das unidades “flutuantes”, isto é, a partir da compreensão de que não há identidade possível para o signo fora do sistema. Portanto, toda a questão do sentido para Saussure está no movimento do sistema e não há um a priori possível nem para a palavra nem para o sentido.

Se a semântica de Saussure não foi bem aceita ou sequer compreendida não é por ele não ter tratado dela, mas porque os termos que usou, a sua perspectiva de sentido é toda outra, diferente daquela dos filósofos da sua época.

A noção de arbitrariedade do signo é exemplo fundamental desta diferença do caminho saussuriano do sentido, pois quando ele diz que os signos não têm relação com aquilo que eles designam, ele faz uma diferença radical em relação ao pensamento filosófico sobre linguagem, afinal, importava para os filósofos a relação entre linguagem e objeto, ou seja, a relação de referência externa.

Portanto, o melhor caminho para compreendermos a noção de semântica em Saussure é, partindo do sistema, estudar as relações que nele são estabelecidas entre os signos. Falamos de outra noção não menos primordial para o mestre: o valor lingüístico.

VALOR LINGÜÍSTICO: POSSIBILIDADE DE SENTIDO

Foi, enfim, nas últimas aulas do terceiro curso de lingüística geral (1910-1911) que o professor Saussure apresentou a teoria daquilo que, nas palavras de Simon Bouquet (2000, p. 255) é o “princípio cardeal da sua lingüística”, a noção de valor lingüístico.

Nas anotações feitas por Emile Constantin (KOMATSU e HARRIS, 1993) dessas aulas, podemos ver que Saussure começa falando da necessidade e dificuldade de uma lingüística estática para, em seguida, expor o que diz ser a primeira questão que está para ele colocada, a saber, a das unidades. É neste momento que ele coloca a necessidade de tomar as palavras, como dissemos acima, como termos de um sistema. Nas anotações de Constantin, temos:

Tomemos primeiro as palavras como termos de um sistema, e há a necessidade de vê-las como os termos de um sistema. Toda palavra da língua encontra-se em relação com outras palavras ou, ainda, não existe senão em relação com as outras palavras e em virtude do que está ao seu redor (KOMATSU e HARRIS, *idem*, p. 128).

² Acredito, como Tullio de Mauro, que algumas pessoas leram ou lêem apenas o capítulo sobre a natureza do signo lingüístico e passam a falar do CLG como se o tivessem lido na sua totalidade.

Portanto, é partindo do sistema que Saussure explica que há duas maneiras de coordenar as palavras entre si, cada uma delas geradora de uma certa ordem de valor: são as relações sintagmáticas e associativas.

As relações sintagmáticas desenvolvem-se em uma extensão, em uma única dimensão. Há, nelas, uma oposição espacial entre os termos, e este espaço Saussure diz, conforme as anotações de Constantin (Komatsu e Harris, 1993), ser um espaço de tempo. Elas têm começo, meio e fim. O mesmo não acontece com as relações associativas. Nestas, uma palavra chama, de forma inconsciente para o falante, uma série de outras palavras que mantêm com ela alguma semelhança.

Saussure enfatiza que a relação associativa é bem diferente da sintagmática, pois não tem como suporte uma extensão no tempo espacial. Elas existem no cérebro do falante, como uma memória da língua.

Uma conclusão a que vemos Saussure chegar (apud. Komatsu e Harris, idem) é a de que qualquer que seja a relação da qual a palavra seja chamada a participar (e ela é chamada a participar, segundo Saussure, nos dois tipos de relações), ela é sempre membro de um sistema, solidária com as outras palavras e esta é a condição essencial para que o valor seja estabelecido, ou seja, a de que se parta do sistema para chegar aos termos.

Essa preocupação de Saussure, constantemente repetida, para que se observe o sistema, chegando-se, depois, aos seus termos, é que pode fazer compreender algo que está no CLG, mas que entendemos mais claramente através das anotações de Constantin, ou seja, uma operação que Saussure considerou delicada, mas fundamental: o *sentido (significação)* depende do *valor* mas, ao mesmo tempo, é distinto dele.

Se tomarmos o signo como termo isolado, podemos dizer que há nele um conceito (significado/significação) que é a contrapartida de uma imagem acústica. Por outro lado, se pensarmos no sistema, veremos que os signos, relacionados uns aos outros, produzem um *valor* que seria a contrapartida dos termos coexistentes na língua. Portanto, Saussure faz a diferença entre *sentido (significação)*, como pertencendo à idéia de signo, isolado do sistema; e *valor*, enquanto dependente do sistema.

Embora pareça clara a diferença entre o signo visto de forma isolada e o signo dentro de um sistema, Saussure alerta (apud. Komatsu e Harris, idem, p. 135) para o fato de que a significação enquanto contrapartida de uma imagem acústica e o valor como contrapartida dos termos coexistentes em um sistema se confundem, tornando difícil definir o que se entende por valor. Mesmo assim, alertando para que se tenha precaução, Saussure passa a definir o que chama valor. Definição um tanto difícil se nos detivermos nos seus detalhes, mas clara em um ponto que aparece tanto nas notas de Constantin quanto no CLG, isto é, o valor depende do sistema e, portanto, das operações que são nele efetuadas e elas são duas, como já vimos, as sintagmáticas e as associativas.

Entretanto, se Saussure diz – e podemos ver que ele o faz tanto nas anotações de Constantin quanto no CLG – que as duas operações do sistema são, cada uma delas, geradoras de uma certa ordem de valor, devemos, então, falar de *valores*, no plural, pensando, em separado, o movimento que ocorre no paradigma e no sintagma. Ao mesmo tempo, sabemos que é necessário ver o sistema lingüístico como um todo, partindo não apenas do ponto de vista de cada relação em separado, mas do que poderia ser considerado um resultado das duas. Neste caso, trata-se de *valor*, no singular. Saussure usa a palavra tanto no singular quanto no plural, embora tenhamos que destacar que o uso no plural é mais freqüente já que ele se dedica a explicar as relações sintagmática e associativa separadamente e não chega a dizer como as duas funcionariam tendo em vista o sistema lingüístico como um todo. O que não significa que ele não enfatize a necessidade de se ver o sistema como conjunto.

Nas anotações de Constantin (Komatsu e Harris, idem), podemos ver Saussure dizendo que as duas relações são irredutíveis e que agem, as duas, no sistema. Para explicar este seu ponto de vista, utiliza a metáfora das colunas de um edifício, também presente no CLG.

Além disso, ele diz que a palavra deve ser sempre considerada membro de um sistema, participando das duas relações, solidária com as outras palavras da língua e que isto é algo a ser considerado para o que constitui o valor. Nas palavras anotadas por Constantin (Komatsu e Harris, idem, p. 136):

O valor de uma palavra não será determinado senão pelos termos coexistentes que a limitam, <ou, para nos apoiarmos melhor no paradoxo levantado:> o que está na palavra não é determinado senão pelo que existe em torno dela. (o que está na palavra é o valor) Em torno dela sintagmaticamente ou associativamente³.

Ou, ainda, como está no CLG (Saussure, 1996, p. 134),

seu valor [da palavra] não estará então fixado, enquanto nos limitarmos a comprovar que pode ser trocada por este ou aquele conceito, isto é, que tem esta ou aquela significação; falta ainda compará-la com os valores semelhantes, com as palavras que se lhe podem opor.

E neste momento, devemos destacar, ele usa *valor* no singular. Portanto, pensamos que podemos também tratar de um valor que é resultado de uma operação envolvendo os dois tipos de relações.

RELAÇÃO ASSOCIATIVA E RELAÇÃO SINTAGMÁTICA: OS VALORES

Bouquet (2000) descreve bem os valores que podem ser gerados pelas relações paradigmáticas e sintagmáticas. Além disso, ele considera os valores gerados pelas duas relações, como estamos tentando mostrar neste artigo, como produções de sentidos, tanto que fala em valor semântico como algo que envolveria o sistema como um todo, ou seja, envolveria as relações sintagmática e paradigmática. Vejamos, então, como acontecem os valores nos dois tipos de relações que a língua conhece.

DO PONTO DE VISTA DO PARADIGMA: VALORES NA AUSÊNCIA

Para Bouquet (idem), as relações paradigmáticas (*in absentia*) geram duas espécies de valores, decorrentes, diretamente, da noção de arbitrariedade da língua. Assim, haveria um valor *in absentia interno*, do signo, e um valor *in absentia sistêmico*.

O valor *in absentia interno* desdobra-se, segundo ele, em três movimentos: teríamos o significado como valor do significante, o significante como valor do significado e significado e significante, simultaneamente, um como valor do outro. O primeiro tipo é o que comumente se toma como valor, de uma forma geral. Note-se, então, que para Saussure este não seria senão um dos aspectos do valor. O segundo caso, Bouquet diz tratar-se de um esforço de reflexão, pois se o significado pode ser valor para o significante, da mesma forma, este último tem que funcionar como valor para o outro. O terceiro estaria dentro do raciocínio de que significante e significado são inseparáveis.

Ainda dentro do que chama de valor *in absentia*, Bouquet (idem) fala que há um valor sistêmico no paradigma, decorrente da noção de arbitrariedade sistêmica do signo. Ou seja, a língua apresenta um grau de arbitrariedade que diz respeito ao corte realizado por um signo na substância à qual ele dá forma. Vejamos como ele trata esta noção.

O *arbitrário sistêmico do signo* encerra dois fatos arbitrários perfeitamente distintos. O primeiro seria o que ele chama de *arbitrário do sistema fonológico*, através do qual se entende que

³ La valeur d'un mot ne sera jamais déterminée que par le concours des termes coexistants qui le limitent; <ou pour mieux appuyer sur le paradoxe relevé: > ce qui est dans le mot n'est jamais déterminé que par le concours de ce qui existe autour de lui. (ce qui est dans le mot, c'est la valeur) Autour de lui syntagmatiquement ou autour de lui associativement.

“é arbitrário – ou seja, contingente a uma língua – que o número de significantes e as características distintivas dos significantes dessa língua sejam o que são” (BOUQUET, idem, p. 235). O segundo, Bouquet o caracteriza como sendo o *arbitrário do sistema semântico* e assim o define (idem, p. 236): “é arbitrário – ou seja, contingente a uma língua – que o número de significados e as características distintivas dos significados dessa língua sejam o que são (sendo essa propriedade da especificidade semântica)”.

Portanto, *valor sistêmico do signo* ou valor paradigmático sistêmico, decorrente do *arbitrário sistêmico do signo*, é uma característica da língua, visto que há nela uma nebulosa de significantes e significados que se relacionam com tantos outros significantes e significados, sistemicamente. Esta relação dá-se pelas diferenças entre os significados e os significantes e é através de um corte arbitrário que os signos, considerados entidades positivas, se formam.

No CLG encontramos claramente esta idéia de signo como um fato positivo, resultado de uma operação de sistematização, e Tullio de Mauro em nota (1995, nota 242, p. 466) destaca a importância teórica desta passagem, sublinhando que

O signo é uma realidade positiva, isto é, o signo é uma <entidade concreta>. Mas, este aspecto concreto é o resultado de uma operação complexa de sistematização entre (e de ligações entre) classes abstratas de fonias e significações concretas⁴.

Saussure diz que as idéias e os sons, antes do signo, representam apenas nebulosas, não preexistem à língua. Em suas palavras (apud. KOMATSU e HARRIS, 1993, p. 138): “não há nada distinto no pensamento antes do signo lingüístico”. E isto é o principal para ele, ou seja, que o que ele chama de fato lingüístico (e Bouquet apresenta como valor interno sistêmico) é o encontro de dois elementos antes amorfos, nebulosos.

O fato lingüístico, então, faz nascer valores. Valores que não “permanecerão valores”, definitivamente, exatamente em consequência da noção de arbitrariedade. Vejamos o que diz Saussure (Constantin, idem, ibidem): “não apenas os dois domínios entre os quais se passa o fato lingüístico são amorfos, <mas a escolha do elo entre os dois>, o casamento <(entre os dois)> que criará o valor é perfeitamente arbitrária⁵. É, portanto, o caráter radicalmente arbitrário dos elos lingüísticos que faz com que os valores não sejam absolutos, mas sempre relativos.

Esta passagem, que une a relatividade dos valores à noção de arbitrário, está bem clara tanto nas anotações de Constantin quanto nas fontes manuscritas. Infelizmente, não é assim no CLG, onde os editores procederam a uma mudança que modifica o pensamento saussuriano onde ele é mais preciso.

No CLG (SAUSSURE, 1996, p. 132), os editores escrevem que: “os valores continuam a ser inteiramente relativos, e eis porque o vínculo entre a idéia e o som é radicalmente arbitrário”. Ora, ocorre que a arbitrariedade é uma noção anterior e determinante para a relatividade dos valores e não uma causa desta relatividade, como aparece na redação do CLG. Nos comentários de Tullio de Mauro (1995, nota 228, p. 464), podemos ver uma citação das fontes manuscritas (Engler), nas quais esta questão aparece com muita clareza: “se não é arbitrário, restaria esta idéia do valor, ele teria um elemento absoluto. Sem isto os valores seriam, em uma certa medida, absolutos. Mas, porque o contrato é perfeitamente arbitrário, os valores serão perfeitamente relativos⁶”.

Nas anotações de Constantin (KOMATSU e HARRIS, 1993, p. 138), podemos ler: “Mas, porque o contrato é perfeitamente arbitrário, os valores serão perfeitamente relativos”.

⁴ le signe est une réalité positive; c'est-à-dire que le signe est une <entité concrète>. Mais cet aspect concret est le résultat d'une opération complexe de systématisation en (et de liaison de) classes abstraites des phonies et des significations concrètes.

⁵ non seulement ces deux domaines entre lesquels se passe le fait linguistique sont amorphes, <mais le choix du lien entre les deux,> le mariage <(entre les deux)> qui créera la valeur est parfaitement arbitraire”.

⁶ Si ce n'est pas arbitraire, il y aurait à restreindre cette idée de la valeur, il y aurait un élément absolu. Sans cela les valeurs seraient dans une certaine mesure absolues. Mais puisque ce contrat est parfaitement arbitraire, les valeurs seront parfaitement relatives.

Enfim, gostaríamos de dizer que a ênfase que estamos dando à relatividade dos valores deve-se ao fato de estarmos tratando valores como elementos que constituem o jogo de sentidos na língua. Em sendo assim, podemos dizer que o caráter arbitrário da língua é o que faz com que os sentidos, fugindo de certa forma a uma “escolha” ou a uma determinação direta do sujeito, sejam sempre susceptíveis de serem outros, constitutivamente polissêmicos.

DO PONTO DE VISTA DO SINTAGMA: VALORES NA PRESENÇA

Se o *valor in absentia* gera dois tipos de valores (interno e sistêmico), indivisíveis na consciência do falante, Bouquet lembra que este não é senão um dos elementos do valor semântico. O outro é aquele que faz parte das relações *in preasentia*, lineares, estabelecidas na cadeia sintagmática.

O que formaria, então, o *valor in preasentia*? Bouquet (2000, p. 269) responde dizendo que ele

abrange tudo o que a sintaxe estuda na linguagem – sendo que a palavra sintaxe deve ser entendida no sentido mais geral de uma teoria do fato sintagmático, em outras palavras, de uma teoria do que é da competência do caráter linear, ou seja ‘espacial’, da produção lingüística [grifo do autor].

Ele critica os editores por não tratarem, no capítulo sobre o valor lingüístico, no CLG, do *valor in preasentia*, deixando tudo que se refere a este valor para o capítulo seguinte, o das relações sintagmáticas e paradigmáticas.

Para Bouquet, em assim fazendo, os editores não contradizem o princípio do valor semântico, mas prejudicam-no seriamente, pois as duas ordens de valores são simultaneamente ativas e fundamentais para o que ele chama de gramática saussuriana do sentido. Posição bastante clara nas anotações de Riedingler, do segundo curso de Saussure, citadas por Bouquet (*idem*, p. 268):

Os dois agrupamentos, no espaço e mental (por famílias), estão todos os dois em atividade. [...] Isso vai tão longe quanto quisermos e nos dois sentidos: o valor resultará sempre do agrupamento por famílias e do agrupamento sintagmático. [...] São essas duas oposições perpétuas: por sintagmas e por tudo o que difere (o que não trazemos, mas que poderíamos trazer para o discurso) – é sobre essas duas oposições, modos de ser vizinho ou diferente de outra coisa, que repousa o mecanismo de um estado de língua.

A citação acima deixa fora de qualquer dúvida a necessidade de exploração dos dois valores (sintagmático e paradigmático) para que possamos entender “o mecanismo de um estado de língua”.

Entretanto, também Bouquet não acrescenta muito aos valores que provêm do sintagma. No seu capítulo sobre o valor semântico, quando passa a falar do *valor in preasentia*, embora reconheça que é um dos componentes do valor semântico que foi pouco trabalhado no CLG e faça, então, a citada crítica aos editores, trata-o como valor que “*abrange tudo o que a sintaxe estuda na linguagem*” (BOUQUET, *idem*, p. 269), embora não esclareça nada deste “tudo” que envolveria a sintaxe.

Ora, vemos que tal descrição do valor sintagmático não acrescenta quase nada ao que Saussure já havia dito e que podemos constatar nas anotações de Constantin, ou seja, que o valor sintagmático envolve o caráter espacial, linear, das relações que são estabelecidas no sintagma.

A contribuição de Bouquet no que se refere ao valor sintagmático pode ser constatada na apresentação que faz de três axiomas que determinam, segundo o seu ponto de vista, o quadro conceitual da epistemologia saussuriana da sintaxe. A saber:

- 1) A sintaxe corresponde a um estrato do princípio da generalidade do específico que comanda a epistemologia da lingüística da língua;
- 2) A sintaxe é uma teoria de posições indissociável de uma teoria de termos;
- 3) Os diferentes níveis de sintaxe são regidos por um princípio de organização homogêneo.

Portanto, é dentro deste quadro que Simon Bouquet resume o que seria uma epistemologia saussuriana da sintaxe e, também, a parte do valor semântico à qual denomina *valor in preasentia*.

Entretanto, se há um hiato no estudo sobre as relações sintagmáticas, entendemos que há um outro caminho menos explorado do que este no que diz respeito ao valor lingüístico: o que se refere, usando a denominação de Bouquet, ao valor semântico, isto é, aos dois tipos de relações funcionando como geradoras de valores dentro de um sistema.

Quando no seu terceiro curso, ao discutir questões importantes para a lingüística estática, Saussure traz a problemática das unidades e diz que é do sistema que se deve partir para chegar aos termos, pensamos que há, sempre, nessa discussão, a idéia de um sistema, no singular (conforme destacamos para o uso, no singular, do termo *valor*). Implica dizer que há uma união de dois sistemas (sintagmático e paradigmático) em um único sistema, produto dos valores gerados pelos dois, separadamente. O que seria dizer, também, que há “um valor”, produto dos valores dos dois sistemas, já que vimos que Saussure considera as duas relações funcionando em conjunto para constituírem o que chama mecanismo de um estado de língua. Além disso, é o próprio Saussure quem faz referência a um valor que “resultará sempre do agrupamento por famílias e do agrupamento sintagmático” (RIEDINGLER, apud BOUQUET, idem, p. 268).

Portanto, passaremos a falar deste valor que toma como ponto de vista as relações sintagmáticas e as relações paradigmáticas, no que concerne aos valores que nelas são produzidos.

DO PONTO DE VISTA DAS RELAÇÕES SINTAGMÁTICA E PARADIGMÁTICA: O VALOR SEMÂNTICO

Saussure diz que temos uma “memória” com todos os tipos de sintagmas e que, quando precisamos empregá-los, fazemos intervir grupos associativos para fixar nossa escolha. Trata-se, ao mesmo tempo, de um procedimento de fixação e de escolha, em uma operação que “consiste em eliminar mentalmente tudo quanto não conduza à diferenciação requerida no ponto requerido” (SAUSSURE, idem, p. 151), na qual os agrupamentos associativos e os tipos sintagmáticos estão ambos em jogo. Parece-nos, então, que o mecanismo assim descrito, das relações sintagmáticas e paradigmáticas, indica uma certa organização nas relações associativas e a possibilidade de que algo desta relação possa ser recuperado na análise de um segmento. Portanto, um elemento ao ser escolhido, dentre outros, na memória lingüística, passa pela restrição dos grupos associativos, como o diz Saussure e, também, pela restrição da cadeia sintagmática onde estará em relação opositiva com outros elementos da língua. Saussure deixa esse ponto bem claro quando diz que os elementos lingüísticos serão escolhidos ao cabo de uma operação mental dupla: uma de oposição sintagmática e outra de oposição paradigmática.

Vejamos um pouco mais sobre o funcionamento dos dois tipos de relações, no sistema lingüístico, que forma o que Saussure chama mecanismo da língua.

Se Saussure diz que cada relação gera um tipo diferente de valor e se para ele as duas devem existir para que o mecanismo da língua seja completo, é preciso pensar que é possível, então, falarmos de um valor gerado na intersecção das duas.

O mecanismo da língua se dá entre palavras que a princípio não existem enquanto tais, ou melhor, baseia-se no seguinte paradoxo, apontado por Amacker (idem, p. 146): “é a relação das

palavras com as outras que faz a palavra”. Portanto, palavra que não existe antes de qualquer relação, mas que entra em relação com outras, em um sistema.

Este mesmo paradoxo pode ser visto quando observamos Saussure questionar-se sobre a origem dos fatos lingüísticos, dizendo que não há, em lingüística, um único termo que possa ser definido em si. Portanto, nada existe a priori, não há origem determinada para os elementos da língua, toda sua existência depende da relação que ele estabelece com os outros termos no sistema.

Entretanto, embora esteja claro que Saussure concebe a existência das unidades apenas dentro do sistema lingüístico e que, nele, as relações sintagmáticas e paradigmáticas estão presentes, não há clareza quanto ao modo de funcionamento deste sistema que contém as duas relações. Opinião que compartilhamos com Amacker (idem, p. 139). Vejamos o que ele diz:

Saussure não indica, em nenhum lugar, que seja do meu conhecimento, qual a relação lógica entre essas esferas, mas apenas que elas são *completamente distintas*; na realidade, ele as considera como simultaneamente ativas e, portanto, em relação de condicionamento recíproco⁷.

Parece-nos, de qualquer forma, que Saussure concebe o mecanismo lingüístico como a intercessão dos dois tipos de relações. Vejamos o que diz Amacker (idem, p. 150):

A dualidade associações/sintagmas permite retomar a questão das unidades complexas (frases ou palavras) e de sua análise em sub-unidades segmentais, segundo um mecanismo que associa estreitamente as duas “esferas” e coloca em jogo uma operação elementar de aproximação parcial (“toda aproximação de análogos [ou: de semelhantes (?)] implica a aproximação dos diferentes”). Mais precisamente, Saussure concebe o mecanismo como o cruzamento de duas “atividades” de “coordenação”, a interseção do sintagma com o grupo de associação⁸.

Levando em consideração o mecanismo lingüístico, podemos dizer que a significação se produz, ao que tudo indica, nas relações que aparecem em dois eixos diferentes: o eixo associativo (das relações paradigmáticas) e o eixo da combinação (das relações sintagmáticas). É claro que apenas as combinações são diretamente observáveis, mas é também claro que elas supõem combinações *in absentia*.

Claudine Normand (idem.), por exemplo, acredita que a análise sincrônica exige que se leve em consideração, de forma igualitária, os dois eixos. Mas, que a análise das relações paradigmáticas é, geralmente, desprezada, fruto do pensamento positivista da época de Saussure, que achava que se deveria levar em conta apenas os elementos concretos, formais.

A análise sintática, portanto, não pode ser feita sem que se proceda, também, à análise de paradigma, o mecanismo lingüístico exige que as duas relações estejam juntas. Vejamos a posição de Amacker (idem, p. 155):

A análise do sintagma, através da compreensão do mecanismo que os sujeitos falantes conhecem intuitivamente, não se determina através do corte segmental em “unidades concretas” (“pedaços” do significante

⁷ Saussure n'indique nulle part, à ma connaissance, quel est le rapport logique entre ces sphères, sinon qu'elles sont tout à fait distinctes; c'est, en réalité, qu'il les considèrerait comme simultanément actives, et donc en relation de conditionnement réciproque.

⁸ La dualité associations-syntagmes permet de reprendre la question des unités complexes (phrases ou mots) et de leur analyse en sous-unité segmentales, selon un mécanisme qui associe étroitement les deux “sphères” et met en jeu une opération élémentaire de rapprochement partiel (“tout rapprochement des analogies [ou: des analogues (?)] implique le rapprochement des différences”). Plus précisément, Saussure conçoit ce mécanisme comme le croisement de deux “activités” de “coordination”, l'intersection du syntagme avec le groupe d'association.

portadores de significação), mas desemboca, pela força das coisas (ou seja, pela força da natureza do sistema lingüístico), nas “unidades de associação”, que são os elementos abstratos (“fazemos uma abstração, tomamos como unidade algo que é já um resultado”). É porque os elementos podem (e, sem dúvida, devem) representar vários elementos abstratos, um para cada uma das séries que compõem a série associativa que cerca a palavra, que esses elementos não se deixam descrever metalingüisticamente através de uma simples citação do “pedaço” que lhes dá suporte.⁹

Ou seja, compreender que o mecanismo da língua requer que se trabalhe não apenas com as seqüências lineares que formam os sintagmas, com as entidades concretas, mas, também, com os termos que flutuam em torno dos elementos da cadeia sintagmática, é reconhecer o essencial da teoria lingüística: a idéia de sistema.

Além disso, vale a pena repetir que a existência do paradigma é o que garante que o sistema lingüístico não seja fechado, homogêneo, porque contém sempre algo que escapa à linearidade e que está sempre presente, de forma virtual, na produção da língua.

O lingüista que vai estudar o mecanismo da língua conta com o seu conhecimento dela e é isto que serve de base ao seu trabalho. Portanto, há um critério na consciência de cada um. Ou, ainda, a língua está na consciência de cada um, como uma memória da qual não se tem um conhecimento enquanto totalidade, não se pode descrevê-la como um todo, mas quando se está “diante dela”, sabe-se como utiliza-la. Portanto, para Amacker (idem.), o primeiro tempo de um estudo sobre o mecanismo lingüístico recai sobre este conhecimento implícito que todo lingüista tem de sua língua.

O segundo tempo recai sobre as delimitações do sintagma, para através delas vê como os dois sistemas interagem. Nas palavras de Amacker (p. 146): “devemos voltar à delimitação das unidades na cadeia linear do discurso, para vermos como as duas esferas de relações entram em colaboração quando da produção do processo lingüístico¹⁰”.

Se pensarmos que existe uma cadeia paradigmática e que nela as relações são de semelhança e, ao mesmo tempo, compreendermos que há uma cadeia sintagmática na qual os elementos são colocados no espaço, uns após os outros, numa relação de oposição, podemos dizer que o processo de produção de sentido na língua implica, antes de qualquer coisa, a limitação de relações associativas. Ou seja, é preciso, em primeiro lugar, para que algum sentido seja produzido, que as relações, a priori infinitas, do paradigma, sofram um limite imposto pelas relações sintagmáticas. Limite próprio à sintaxe de cada língua.

Entretanto, também é preciso compreender que este limite imposto pelo sintagma e que permite, entre outras coisas, que se fale, será sempre constituído por um paradigma, afinal, toda palavra, como diz Saussure, traz em si a memória de outras palavras que são semelhantes a ela. Dito de outra forma, toda palavra traz, constitutivamente, a memória das relações e dos valores produzidos nas relações associativas.

Se é assim, podemos também dizer que em algum momento a linearidade do sintagma pode ser quebrada, fazendo com que nele irrompa um paradigma ou, ainda, que há, permanentemente, nos limites espaciais do sintagma uma série paradigmática como que “condensada” na

⁹ *L'analyse du syntagme, par la mise en oeuvre consciente du mécanisme linguistique que le sujets parlants connaissent intuitivement, ne se termine pas par le découpage segmental en “unités concrètes” (“tranches” du signifiant porteuses de signification), mais débouche, par la force des choses (c'est-à-dire par la force de la nature même du système linguistique), sur des “unités d'association”, qui sont des éléments abstraits (“nous faisons une abstraction, nous prenons comme unité quelque chose qui est déjà un résultat”). C'est parce que les segments peuvent (et sans doute doivent) représenter plusieurs éléments abstraits, un pour chacune des séries formant l'étoile associative qui entoure le mot, que ces éléments ne se laissent pas décrire métalinguistiquement par simple citation de la “tranche” qui les supporte.*

¹⁰ *on devra revenir à la délimitation des unités dans la chaîne linéaire du discours, afin de voir comment les deux sphères de rapports entrent en collaboration lors de la production du procès linguistique*

memória de cada elemento, de cada termo, que pode, a qualquer momento, aparecer, causando o que chamaríamos de irrupção do paradigma no sintagma.

Haveria, portanto, na língua, de forma constitutiva, um movimento de sentidos que, partindo das noções de relações sintagmáticas e associativas e, assim, do que Saussure chama de valor lingüístico, funcionaria, para quem o está produzindo, na direção da formação do *um*, de um único sentido, visível na cadeia linear, sintagmática, mas que teve “origem” na escolha feita na cadeia associativa. Para o analista, para aquele que interpreta, o trabalho aconteceria no movimento contrário ao da produção, isto é, na direção da desconstrução dessa homogeneidade, passando pelo sintagma e indo à procura de paradigmas por ele silenciados.

Necessariamente, portanto, para a lingüística, a questão do sentido não deve estar colocada a partir do óbvio, do sentido que deu certo, ou melhor, do que está posto na cadeia sintagmática, mas no movimento contrário, isto é, nos momentos em que no sintagma a língua “escapa” ao locutor, revelando sua existência. Ou, ainda, nos momentos em que algo do paradigma silenciado se mostra presente, no sintagma, quebrando a linearidade da cadeia.

REFERÊNCIAS

- AMACKER, René (1975). *Linguistique saussurienne*. Paris: Librairie Droz.
- BOUQUET, Simon (2000). *Introdução à leitura de Saussure*. Trad. brasileira de Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix.
- DOSSE, François (1993). *História do estruturalismo: o campo do signo, 1945/1966*. Tradução de Álvaro Cabral. Campinas, S.P.: Editora da Unicamp, 1993.
- FEHR, Johannes(2000). *Saussure entre linguistique et sémiologie*. Paris: PUF.
- KOMATSU, Eisuke; HARRIS, Roy (Eds.) (1993). *Troisième Cours de linguistique generale (1910-1911) d’après les cahiers d’Emile Constantin*. Oxford: Pergamon Press.
- NORMAND, Claudine (2000). *Saussure*. Paris: Les Belles Lettres.
- SAUSSURE, Ferdinand (1996). *Curso de Lingüística Geral*. Trad. Bras. Antônio Chelini *et al.* 25 ed. São Paulo: Cultrix.
- STAROBINSKI (1974). *As palavras sob as palavras: Os anagramas de Ferdinand Saussure*. Trad. brasileira de Carlos Vogt. São Paulo: Perspectiva.
- DE MAURO, Tullio (1995). “Notas”. In: SAUSSURE, Ferdinand. *Cours de Linguistique Générale*. 4. ed. Paris: Payot.